



ANÁLISE DAS ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS NOS ASSENTAMENTOS DA MICRORREGIÃO DE TRÊS LAGOAS/MS: A QUESTÃO DAS CARVOARIAS¹

Vivian Helena Ávila²

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa que objetivou identificar atividades não-agrícolas, em especial as carvoarias, nos projetos de reforma agrária da microrregião de Três Lagoas/MS com vistas à análise do papel dessa atividade na composição da renda, verificando se ela é complementar ou a única fonte financeira das famílias assentadas. Outro aspecto estudado foram as condições de trabalho que envolve esta atividade nos assentamentos, onde investigamos a hipótese de trabalho infantil e de super exploração que são situações comuns neste tipo de tarefa. Os resultados demonstram a existência de carvoarias nos assentamentos São Tomé e Santa Rita do Pardo, município de Santa Rita do Pardo/MS, uma região tradicionalmente ligada a extração de carvão vegetal, todavia não nos deparamos com trabalho infantil e nem condições degradantes de trabalho. Os fornos são montados nos lotes com trabalho predominantemente familiar e não foi encontrado nenhum indício de uso da madeira da reserva permanente. Concluímos que a existência de carvoarias nos assentamentos da microrregião de Três Lagoas/MS está ligada ao fato de que as famílias que exercem esta atividade não-agrícola são de ex-carvoeiros que utilizam este conhecimento para complementar a renda nos momentos de anormalidade no lote como, recentemente, a crise da aftosa no Estado.

Palavras-chave: Maciço Florestal; Carvoaria; Renda Familiar; Microrregião de Três Lagoas; Assentamento.

Abstract: This article is resulted of a research that objectified to identify to activities not-agriculturists, in special the coal bunkers, in the projects of agrarian reform of the microregion of Três Lagoas/MS with sights to the analysis of the paper of this activity in the composition of the income, verifying if it is to complement or the only financial source of the peasant families. Another studied aspect had been the work conditions that involve this activity in the peasant, where investigates the hypothesis of infantile

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa que se encontra inserida num projeto mais amplo intitulado "A composição de renda nos assentamentos de reforma agrária da microrregião de Três Lagoas/MS: análise das atividades agrícolas e não-agrícolas", coordenado Prof^a Dr^a Rosemeire Ap^a de Almeida e financiado pela FUNDECT/MS e pela PROPP/UFMS.

² Bolsista do CNPq – PIBIC/UFMS/CPTL (2005/2006) sob orientação da Prof^a Dr^a Rosemeire Ap^a de Almeida.

work and super exploration that are common situations in this type of task. The results demonstrate the existence of coal bunkers in the peasant São Tomé and Santa Rita do Pardo, city of Santa Rita do Pardo/MS, a traditionally on region the extration of vegetal coal, however in them we do not come across with infantile work and nor with degrade conditions of work. The ovens are mounted in the lots with predominantly familiar work and no indication of use of the wood of the permanent reserve was not found. We conclude that the existence of coal bunkers in the peasant of the microregion of Três Lagoas/MS is on to the fact of that the families who exert this activity not-agriculturist are of former-coal dealers who use this knowledge to complement the income at the moments of abnormality in the lot as, recently, the crisis of the aftosa in the State.

Key words: Forest bulk; Coal bunker; Familiar Income; microregion of Três Lagoas; Peasant.

INTRODUÇÃO

Neste texto objetiva-se fundamentalmente discutir a existência de atividades não-agrícolas, em especial as carvoarias, nos projetos de reforma agrária da microrregião de Três Lagoas/MS com vistas a analisar o papel desta atividade na composição da renda destas famílias beneficiárias, verificando se ela é complementar ou a única fonte financeira.

Outro aspecto importante refere-se a investigação das condições de vida e trabalho que envolve esta atividade não-agrícola dentro dos assentamentos. Ou seja, se há superexploração do trabalho, inclusive com exploração de trabalho infantil como ocorreu, na década de 1990, nas carvoarias que funcionavam dentro das fazendas da região de Três Lagoas, ou se é realizada em forma de produção familiar em condições aceitáveis, tanto de trabalho como ambientais.

Para entendermos o processo de atividade carvoeira nos assentamentos da microrregião de Três Lagoas, assim como no Estado do Mato Grosso do Sul, é fundamental entendermos como se deu o plantio de eucalipto na região.

O Maciço Florestal foi idealizado em 1974, antes mesmo da divisão do Estado de Mato Grosso. E, posteriormente, com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977, o Governo da época, almejando integrar a região no plano de desenvolvimento que estava sendo implantado no Brasil (o I e II Plano de Desenvolvimento Nacional e o Plano de Integração Nacional), financiou empresas que investissem na região. Neste sentido, o Estado concedeu incentivos fiscais aos empresários atraídos pelo negócio. (SILVA, 2002).

Pois bem, o fundamental é destacar que o Mato Grosso do Sul acaba herdando essa estrutura fundiária concentradora, voltada à monocultura, situação que não permitiu a consolidação da pequena propriedade. Assim formula-se uma política fundiária desde a criação do Estado direcionada apenas para os interesses da classe dominante, desenvolvendo-se sob a égide da concentração de terras, de riqueza e de poder. (SILVA, 2004).

A área plantada com eucalipto, no final da década de 1970, compreendia 458 mil ha, cerca de 20 propriedades, pertencentes a 15 empresas de propriedade de mineiros e paulistas que receberam os incentivos fiscais previstos por lei para a exploração da área. O valor estimado, para fins florestais em Mato Grosso do Sul, foi em torno de 500 milhões de dólares. (SILVA, 2002). Como o processo foi concentrado acabou beneficiando os grandes proprietários, agravando o processo de expropriação dos pequenos proprietários no Estado.

Apriori o Maciço Florestal foi criado para abastecer o mercado brasileiro de madeira da região Sul e Sudeste, no entanto após a crise do petróleo e o aumento dos combustíveis tornou-se inviável a operação comercial. A solução foi a implantação de empreendimentos de base florestal, visando trazer empresas de celulose, mas na época a proposta não atraiu investidores e o projeto foi desativado. O Maciço ficou por

anos praticamente abandonado. Em 1985, empresas de reflorestamento e os proprietários de terra começam a discutir a possibilidade de se produzir carvão vegetal utilizando a madeira do Maciço. (PEREIRA, 2005).

Logo, foi firmado um acordo com as siderúrgicas de Minas Gerais que culminou na instalação de uma siderúrgica no município de Ribas do Rio Pardo, a SIDERSUL. Ocorreu também a vinda de varias empreiteiras a serviço das siderúrgicas mineiras na região do Maciço para arrendar terras e iniciar a produção de carvão vegetal. Segundo Mercante (apud SILVA, 2002), foi a falta de planejamento do Estado que permitiu a transformação da madeira em carvão para fins industriais.

A partir de então, os escritórios começaram a contratar trabalhadores, mas como as empresas eram do Estado de Minas Gerais (Estado com larga experiência na produção de carvão mineral), optou-se pela migração de trabalhadores deste Estado em função do conhecimento que tinham do ofício.

A produção de carvão vegetal na região do Maciço foi baseada em um baixo custo operacional, com total ausência de controle ambiental, sonegação fiscal e superexploração da mão-de-obra, gerando assim, altos índices de rentabilidade (SILVA, 1999).

Durante a década de 1990, quando as empresas já estavam em funcionamento, muitas denúncias de trabalho coercivo e até de trabalho escravo tornaram-se publicas. Esta escravização acontecia por endividamento do trabalhador, já que os carvoeiros vinham do Estado de Minas Gerais, então esses trabalhadores chegavam já trazendo a dívida da viagem e, quando instalados, acresciam essa dívida com a alimentação e moradia que se davam de forma precária.

Para Esterici (1999), a superexploração não é só um instrumento de “usurpação da liberdade” dos trabalhadores, é acima de tudo uma forma de desumanizar o homem, o tornando apto a qualquer serviço.

Outro problema gerado na região pelo Maciço Florestal refere-se a questão ambiental, pois as carvoarias geralmente escapavam a fiscalização principalmente em relação ao desmatamento. Além dos danos que o eucalipto gera ao ecossistema, pois não sendo uma planta nativa o seu plantio consiste numa monocultura, desgastando o solo e absorvendo muita água. É um verdadeiro “deserto verde” como denunciam os ecologistas.

Após a instalação dos escritórios e a contratação dos trabalhadores, a exploração da madeira teve início. É essencial enfatizar que antes da idealização do Maciço Florestal ou mesmo do acordo das siderúrgicas mineira com os proprietários sul-mato-grossenses, já se produzia carvão vegetal no Estado, mas essa produção era de baixa escala. Como era produção familiar, a atividade carvoeira servia de complementação da renda, onde se utilizava a madeira que restava do processo de formação das pastagens. O carvão vegetal derivado desta produção doméstica abastecia o comércio local. É, pois, a partir de 1985 que a produção de carvão vegetal ganhou magnitude, abastecendo as siderúrgicas mineiras que alimentam o mercado nacional do aço. (PEREIRA, 2005).

É também a partir deste período que ganham notoriedade nacional as péssimas condições de vida e trabalho dos “operários da fumaça” que alavanca, neste período, a produção gerando lucro exorbitante a seus patrões. (PEREIRA, 2005).

A produção do carvão vegetal acontece a partir do corte da madeira, ela é cortada em pé de forma a tombar para um determinado lado. Em seguida os troncos são divididos em toras de aproximadamente 1.20m cada. Após o corte a madeira é

empilhada de forma estratégica, ou seja, próxima aos fornos. Uma vez inseridas nos fornos, suas portas são fechadas com tijolos e são barreados com as mãos.

Em seguida, após o fechamento dos fornos, estes são acesos e queimam durante quatro dias até o momento em que sair do orifício, localizado próximo ao solo, uma fumaça azulada.

A quantidade de carvão pode variar, dependendo do tamanho do forno e da quantidade de madeira posta para queimar. Um forno de cerrado tem uma capacidade média de 20m³ de madeira, se é de eucalipto de 20 a 30m³.

O carvão é obtido na pirólise, que é a ação do calor sobre a madeira, que elimina a maior parte dos componentes voláteis da madeira. Para a produção do carvão, é necessária a aplicação da calor sobre a madeira em quantidade suficientemente controlada para que ocorra apenas a sua degradação parcial. Na temperatura de 308-500°C os orifícios dos fornos são tampados para interrupção da queima da madeira. (SILVA, 2003, p. 53).

Em relação a conquista de assentamentos, podemos afirmar que a luta pela terra no Estado do Mato Grosso do Sul, antes da divisão do Estado, tem início com os migrantes que foram trazidos do sul e do sudeste do país para desmatar grandes áreas e formar a pastagem para a pecuária. Nesta época a pecuária extensiva já era a atividade econômica mais tradicional na região.

A partir da década de 1970, acontece a mecanização da agricultura no Estado e os campos são tomados pela monocultura da soja que ocupa também o espaço dos arrendamentos que vinham sendo usados para a sobrevivência dos migrantes, desalojando milhares de famílias. (SILVA, 2004).

É interessante lembrar que o lema do Governo militar para o Estado era: "Mato Grosso do Sul o novo celeiro do Brasil". Para consolidar o sistema baseado no latifúndio e na monocultura para exportação, os produtores contavam com créditos agrícolas e incentivos fiscais.

A concentração fundiária é um problema nacional, tem sua origem nas Sesmarias, quando o Brasil começou a ser explorado. Neste período colonial já existiam os sem-terra que eram os “esquecidos”, homens pobres brancos que representavam os filhos que não tinham direito a terra herdada pelo irmão primogênito (morgadio), e também os mestiços. A única forma de permitir a este campesinato o acesso a terra, seria a Reforma Agrária. (MARTINS, 2002).

Mas como a reforma agrária nunca foi realizada a contento no Brasil, o camponês achou outros meios de realizar o encontro da terra com o homem: a luta pela terra por meio dos movimentos sociais.

No entanto, cabe lembrar que só implantar os assentamentos não é suficiente, é necessário desenvolver políticas agrícolas visando apoiar os assentados.

É neste sentido que investigamos a atividade carvoeira nos assentamentos de reforma agrária buscando compreender, por exemplo, as razões que levam os assentados a desenvolver este tipo de atividade que foge aos objetivos da luta pela terra, uma vez que a carvoeira tem seu desenvolvimento historicamente por meio de relações de trabalho degradantes e de desrespeito ao meio ambiente no Mato Grosso do Sul.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Uma vez definido em cada assentamento as famílias titulares de lote, demos início ao trabalho de campo nos assentamentos da microrregião de Três Lagoas/MS, sendo que a pesquisa foi iniciada pelos assentamentos do município de Santa Rita do Pardo que são a razão deste artigo, a saber: São Tomé, Santa Rita do Pardo e Córrego Dourado.

Uma vez definido em cada assentamento o universo de pesquisa, deu-se início a realização de duas coletas de dados: uma por meio de questionário estruturado e outra por meio de entrevistas semi-estruturadas que tiveram como foco a produção, o comércio e as condições de vida da família (LEITE *et al*, 2002). Tanto os questionários estruturados como as entrevistas sem-dirigidas foram coletadas entre um dos membros da família, independentemente do sexo. Portanto, o vetor da análise é a reprodução da unidade familiar.

Portanto, no caso do questionário estruturado, foi aplicada uma amostra de 50% das famílias existentes no cadastro oficial do assentamento, no entanto houve casos em que a família possuía mais de um lote (em função de compra). Situação só possível de identificação no trabalho de campo como ocorreu no assentamento Santa Rita do Pardo, neste caso para efeito da pesquisa considerou-se o número efetivo de famílias e não dos lotes constantes no cadastro para aplicação da amostra de 50%. Embora a escolha seja aleatória tomou-se o cuidado de excluir as famílias que não residiam no assentamento no ano agrícola 2004/5. As entrevistas semi-estruturadas (entrevista focal) que visam complementar as informações e/ou preencher lacunas que possam existir em relação a composição da renda, é realizada com 10% destas famílias beneficiárias que responderam ao questionário estruturado (ao invés de 20% como a princípio definiu-se, mudança que ocorreu em função do aumento no número de questionários estruturados). (ALMEIDA *et al*, 2006).

ANÁLISE DAS CARVOARIAS E DOS CARVOEIROS NOS ASSENTAMENTOS

A investigação da atividade carvoeira em assentamentos partiu do pressuposto de que os assentamentos devem sempre ser estudados, primeiramente, por sua

importância social, pois possibilitam a oportunidade de melhores condições de alimentação, trabalho, moradia; enfim, a melhor qualidade de vida da família assentada. Essa importância social pode ser comprovada por pesquisas como a de Heredia (2002), que após estudar seis grandes áreas ou manchas de assentamentos no Brasil concluiu que 91% dos assentados consideram que suas vidas melhoraram depois da chegada ao assentamento. Portanto, é dentro desta perspectiva que localizamos o estudo das carvoarias nos assentamentos.

Destacamos que a pesquisa teve início pelo município de Santa Rita do Pardo/MS e seus respectivos assentamentos (conforme quadro 01) que são motivo deste artigo. Do total da amostra coletada (50%) encontramos 05 famílias assentadas carvoeiras, sendo duas no assentamento São Tomé e três no assentamento Santa Rita do Pardo.

Quadro 01 – Assentamentos da Microrregião de Três Lagoas/MS

Municípios	Número de Assentamentos	Número de Famílias	Área (ha)
Três Lagoas	1- Pontal do Faia	45	1.458,50
Ribas do Rio Pardo	1- Mutum 2- Pedreira	340 10	15.831,69 87,92
Santa Rita do Pardo	1- São Tomé 2-Santa Rita do Pardo 3- Córrego Dourado	110 47 49	2.870,45 1.482,14 1.399,97

Fonte: Almeida *et al*, 2006.

O entendimento acerca das condições de vida e trabalho nas carvoarias implica em sabermos um pouco sobre a história dos homens e mulheres que vivem nos assentamentos localizados em Santa Rita do Pardo.

Como podemos observar nos quadros 02 e 03, referentes aos assentamentos localizados no município de Santa Rita do Pardo/MS, onde encontramos atividade carvoeira ativa, a trajetória de vida do assentado carvoeiro revela sua histórica experiência nas lidas do campo. Ou seja, quase todos os entrevistados já tocaram terra, todavia é interessante destacar que a maioria trabalhou na condição de arrendatário e parceiro revelando assim a condição precária que tinham de acesso a terra.

Quadro 02 – O Sr.(a) já tocou terra?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Sim	67%	100%
Não	33%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Quadro 03 – Em qual condição?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Proprietário	0%	0%
Parceiro (meia, terça)	0%	50%
Arrendatário	34%	50%
Não se aplica	33%	0%
Outros	33%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Ao analisarmos a trajetória de vida antes e agora do assentado é necessário entender a percepção da condição de educação, saúde, trabalho, alimentação, em que essas pessoas se encontravam e se encontram. (Quadros 04,05,06,07).

Quadro 04 - Qual a percepção do Sr.(a) sobre a condição familiar de educação atual e anterior ao assentamento?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
melhorou	67%	0%
está igual	0%	50%
piorou	33%	50%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Neste quadro chama atenção a situação educacional das famílias do São Tomé, ou seja, 50% disseram estar igual e 50% disseram ter piorado. A explicação para isso é a inexistência de escolas funcionando no assentamento e as péssimas condições de transporte para a cidade e que, segundo eles, tem gerado desestímulo e abandono dos estudos.

Quadro 05 - Qual a percepção do Sr.(a) sobre a condição familiar de saúde atual e anterior ao assentamento?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
melhorou	67%	0%
está igual	33%	0%
Piorou	0%	100%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Novamente as famílias do assentamento São Tomé denunciam as péssimas condições, 100% delas disseram que a saúde piorou, pois ficam isoladas no assentamento que não possui posto de saúde.

Quadro 06 - Avaliação das condições de trabalho atual e anterior as assentamento

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Melhorou	67%	100%
está igual	0%	0%
Piorou	33%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Já a condição de trabalho, para a maioria aparece como algo que melhorou principalmente porque, segundo eles, agora são proprietários de terra e estão mais seguros apesar das dificuldades.

Quadro 07 - Qual a percepção do Sr.(a) sobre a condição familiar de alimentação em relação ao momento anterior ao assentamento?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
melhorou	67%	100%
está igual	33%	0%
piorou	0%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

O mesmo se aplica para a alimentação, ou seja, nenhuma família teve sua alimentação piorada depois do assentamento.

Podemos comparar também a situação de moradia dos assentados carvoeiros (quadro 09), sendo que a maior parte dos assentados já residia na área rural, no entanto vemos que a qualidade dessa moradia melhorou depois do assentamento na percepção deles.

Quadro 08 – Onde o Sr.(a) morava antes de vir para o assentamento?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Área urbana	33%	50%
Área rural	67%	50%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Quadro 9 - Qual a percepção do Sr.(a) sobre sua condição familiar de moradia agora no assentamento?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
melhorou	67%	100%
está igual	33%	0%
piorou	0%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

O quadro 10 nos possibilita saber que a população assentada está, em grande parte, na faixa etária economicamente ativa o que pode significar um ponto positivo no sentido da existência de trabalhadores e não só de consumidores na família. Ressalva para o assentamento São Tomé que possui expressivo número de jovens e idosos.

Por outro lado, se a existência desta força de trabalho não for acompanhada de condições de emprego no lote no sentido do desenvolvimento do potencial produtivo, acaba ocorrendo a migração da mesma para a cidade ou para atividades não-

agrícolas. Cabe destacar que a metodologia privilegiou trabalhar com o conceito de família extensa no lugar de família nuclear em função do grande número de parentes que moram junto com as famílias beneficiárias da Reforma Agrária.

Quadro 10 – Faixa etária dos membros da família extensa que moram no lote

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
De 04 até 15 anos de idade	0%	33,2%
De 19 até 45 anos de idade	55,5%	33,3%
De 46 até 60 anos de idade	22,2%	16,7%
Mais de 61 anos de idade	22,2%	16,6%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Infelizmente, a situação educacional no campo não tem mudado na mesma velocidade que outras conquistas, inclusive os próprios assentados consideram o acesso a educação como um dos problemas mais graves em sua vidas. Em termos de comparação é interessante evidenciar que no assentamento São Tomé não foi encontrado analfabetismo e o nível de escolarização é progressivo, situação que deve estar relacionada ao fato de ser um projeto recente (5 anos) e ter uma população relativamente jovem.

Quadro 11 – Escolaridade dos membros da família extensa que moram no lote

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Analfabeto	22.2%	0%

Educação incompleta	Básica	66.7%	50%
Educação completa	Básica	11.1%	0%
Ed. incompleta	Fundamental	0%	16.6%
Ed. Completa	Fundamental	0%	33%
Analfabeto		100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Já o quadro 12 aponta para a realidade da composição de renda entre as famílias carvoeiras e, portanto, para o fato de que 100% dos assentados entrevistados têm uma fonte de renda não-agrícola.

QUADRO 12 – Existe renda não-agrícola?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Sim	100%	100%
Não	0%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

No quadro 13 foram computadas todas as rendas que representavam ganhos não-agrícolas que compõe a renda dos entrevistados.

Quadro 13 – Tipologia das rendas não-agrícolas

Tipologia	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Extratativismo mineral ou vegetal (carvão, lenha, etc).	100%	100%
Comércio	0%	33%

Aposentadoria	33%	0%
Outros (venda de implementos/máquinas)	33%	0%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Como podemos ver todos os entrevistados tem renda não-agrícola proveniente de extração mineral ou vegetal, no caso de carvoarias, temos exemplo de carvoeiro assentado o Sr. Claudemir Corte, filho de assentados que “toca” sua carvoaria junto com um parceiro no lote do pai. A carvoaria possui oito fornos, produzindo cada um cerca de 4 metros por mês. Claudemir conta que recorreu a atividade carvoeira porque teve problemas de saúde e também porque não estava conseguindo sustentar a família apenas com a venda de leite. Vejamos as explicações do assentado:

Abri a carvoaria porque não tinha opção de serviço, tava mexendo com leite, só leite não estava funcionando; tinha que levar meu filho no médico. (Claudemir, São Tomé 2006).

Quando questionados se a renda obtida através das atividades realizadas no lote, tanto agrícolas como não-agrícolas, são suficientes para sustento da família, é possível perceber uma diferença entre os assentamentos. Ou seja, mesmo desenvolvendo atividades não-agrícolas os assentados do projeto São Tomé ainda alegam dificuldades (50% das famílias). O que é preocupante em termos de futuro, ou seja, da permanência destas famílias no assentamento.

Quadro 14 – A Renda obtida no período 2004/05 foi considerada suficiente para sustento da família?

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Sim	100%	50%

Não	0%	50%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Cabe lembrar que só implantar os assentamentos não é suficiente, é necessário desenvolver políticas agrícolas para fortalecer os assentados, inclusive com a implantação de equipamentos sociais. Neste sentido, a pesquisa mostra que uma das razões da construção de fornos para complementar a renda é a dificuldade não só de produção que os assentados enfrentam, mas, principalmente, a precariedade das estradas de acesso aos assentamentos para o escoamento da produção. (Quadros 15 e 16)

Quadro 15 – Condição das Estradas de Acesso ao Assentamento

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Boas	33%	0%
Precária	33%	0%
Difíceis	34%	0%
Inacessível na chuva	0%	100%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Quadro 16 – Tipo de Estrada de Acesso ao Assentamento.

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Asfalto	0%	0%
Parte terra, parte asfalto	33%	0%
Terra ou cascalho	67%	100%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada permitiu conhecer o modo de vida das populações assentadas na região de Três Lagoas, por meio dela pudemos constatar a existência de atividade carvoeira nos projetos de reforma agrária. Situação até então impensável e, de certa forma, esdrúxula se partimos do pressuposto que assentamento de reforma agrária é para produzir alimentos. Concluímos que a explicação para este “desvirtuamento” encontra-se na história de vida dos assentados, logo que muitos foram ex-trabalhadores das carvoarias instaladas outrora na região.

O fato de esses trabalhadores ter recorrido a sua antiga profissão, deve-se as dificuldades encontradas para permanência e sobrevivência no lote, uma delas que aparece de forma contundente está relacionada aos problemas para escoamento da produção tanto pelo isolamento do assentamento como pelas péssimas condições das estradas. Podemos dizer também que o surto de aftosa no Estado (que atingiu os municípios da costa leste) igualmente serviu como estímulo na busca de outras atividades visando complementação da renda familiar como é possível verificar no quadro 19 e 20.

Quadro 19 – Tipologia das rendas não-agrícolas período 2004-5

	Assentamento Santa Rita	Assentamento São Tomé
Extrativismo mineral ou vegetal (carvão, lenha, etc).	100%	100%
Comércio	0%	33%
Aposentadoria	33%	0%
Outros (venda de implementos/máquinas)	33%	0%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Quadro 20 – Renda externa ao lote (em salários mínimos) das famílias assentadas

	Santa Rita	São Tomé
De 1 SM a 2 SM	67%	0%
Mais de 3 SM	33%	0%
Mais de 5 SM	0%	50%
Total	100%	100%

Fonte: Trabalho de campo, 2006.

Se por um lado os resultados demonstram a existência de carvoarias nos assentamentos São Tomé e Santa Rita do Pardo, município de Santa Rita do Pardo/MS, por outro, não nos deparamos com trabalho infantil e nem condições degradantes, situação que era comum nas carvoarias instaladas na região na década de 1990. Os fornos são montados nos lotes com trabalho predominantemente familiar e não foi encontrado nenhum indício de uso da madeira da reserva permanente, todos os entrevistados responderam que a madeira vem de fora do assentamento. Cabe destacar também que na percepção dos assentados carvoeiros sua condição geral de vida (educação, saúde, trabalho, moradia e alimentação) melhorou em relação ao período anterior ao assentamento.

Por fim, reiteramos que a existência de carvoarias nos assentamentos da microrregião de Três Lagoas/MS está ligada ao fato de que as famílias que atualmente exercem esta atividade não-agrícola são de ex-carvoeiros que utilizam este conhecimento para complementar a renda em função de problemas conjunturais e, principalmente, pela situação de bloqueio econômico e técnico que envolve os assentamentos da região. Portanto, não há indicativo que aponte a atividade como sendo a única fonte de renda familiar, ou seja, as famílias que trabalham com fornos buscam manter o sonho do gado leiteiro e da roça que inicialmente as levaram a conquista do lote. Logo, fica a premência de uma intervenção do Estado que possibilite geração de renda nos lotes ligada as atividades que os assentados querem exercer e que estão relacionadas a produção de alimentos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosemeire A. **Identidade, distinção e territorialização: o processo da (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul**. 2003. Tese [Doutorado em Geografia]. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente.
- ALMEIDA, Rosemeire A. **A composição de renda nos assentamentos de reforma agrária da microrregião de Três Lagoas/MS: análise das atividades agrícolas e não-agrícolas**. Três Lagoas, 2006. [Relatório de Pesquisa]. Mimeografado.
- ÁVILA, Vivian H. RAMOS, Miriam. **Migrações temporárias: a questão dos mineiros no distrito de Arapuá/Três Lagoas-MS**. Monografia [Conclusão de Disciplina] Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas. 2005.
- BATISTA, Luiz Carlos. **Processo de Organização do Espaço Agrário do Mato Grosso do Sul. Caderno de Formação**. Campo Grande: UFMS, 1995.
- BORGES, Vânia T. ALMEIDA, Flavio G. de. **Conflitos na Gestão da Água**. In: **X Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Rio de Janeiro. X Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. 2003.
- ESTERCI, Neide. **A dívida que escraviza**. In: CPT. **Trabalho Escravo no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Loyola. 1999, p. 101-125.
- LEITE, Sérgio *et al.* **Os impactos regionais da reforma agrária: um estudo sobre áreas selecionadas**. Brasília: NEAD. 2002.
- MARTINS, José S. **Impasses Sociais Políticos em Relação à Reforma Agrária e à Agricultura Familiar no Brasil**. Disponível em: <http://www.nead.org.br/artigodomes.htm>. Acesso em: 23/10/2002.
- PEREIRA, Altamira. **A relação capital X trabalho nas carvoarias de Mato Grosso do Sul**. **Revista Pegada**. Vol. 6, n. 1 junho de 2005.
- SILVA, Édima A. **O processo produtivo do carvão vegetal: um estudo em Mato Grosso do Sul**. 2002. Tese [Doutorado em Geografia]. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente.
- SILVA, Cleide de O. **Trabalho e qualidade de vida dos carvoeiros no município de Três Lagoas-MS**. Pesquisa Acadêmica de Iniciação Científica apresentada ao CNPq/UFMS. Três Lagoas, 1999.
- SILVA, Tânia P. **As formas organizacionais de produção dos camponeses assentados no município de Baytaporã/MS**. 2004. Dissertação [Mestrado em Geografia]. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente.